



*Evidências em Arqueologia: os
êxitos de quem quer
(re)construir Sociedades*



www.cph.ipt.pt

N. 3 // dezembro 2015 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar
Edifício M - Campus da Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313 Tomar
NIPC 503 767 549

DIRETORA

Ana Pinto da Cruz, Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar

DIRETORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry, Davide Delfino

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem
Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDAÇÃO

Centro de Pré-História
Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN

2183-1386

ANOTADA NA ERC

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores

CONSELHO CIENTÍFICO

Professora Doutora Primitiva Bueno Ramirez, Universidad de Alcalá de Henares Professor

Professor Doutor Rodrígio Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Dotor Enrique Cerrillo Cuenca, Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC, Governo de Extremadura

Thomas W. Wirwoll, Center for Rock Art Studies and Archaeotherioiconology, Institute for Theriology and Anthropology, Frankfurt am Main

COMITÉ DE LEITURA

Professor Doutor André Luís Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Branko Velichkovski, Senior Conservator of the Museum of Macedonia

Mestre Helena Moura, Licenciatura em História Variante de Arqueologia, Universidade de Coimbra, "Diploma de Estudos Aprofundados", em Antropologia, opção Pré-história, pela Universidade de Bordéus I, Instituto do Quaternário

Professor Doutor Pedro Aboim Borges, Instituto de História Contemporânea, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, Universidade Nova de Lisboa

Professor Doutor Vasco Gil Mantas, Universidade de Coimbra

Doutora Ana Pinto da Cruz, Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar

TESTEMUNHOS DA OCUPAÇÃO PRÉ-ROMANA NO FORUM DE AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL)

Sara Oliveira Almeida

Arqueóloga. Investigadora do projeto “Raízes. Coimbra Pré-romana”

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), Palácio Sub-Ripas, 3000-395, Coimbra, Portugal.

sara_almeida11@hotmail.com

Ricardo Costeira da Silva

Universidade de Coimbra. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP)

ricardo_silva78@hotmail.com

Raquel Vilaça

Universidade de Coimbra. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP) e Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras

rvilaca@fl.uc.pt

Testemunhos da Ocupação Pré-Romana no Forum de *Aeminium* (Coimbra, Portugal)

Sara Oliveira Almeida

Ricardo Costeira da Silva

Raquel Vilaça

Historial do artigo:

Recebido a 27 de outubro de 2015

Revisto a 02 de novembro de 2015

Aceite a 20 de novembro de 2015

Este texto não obedece ao acordo ortográfico aprovado em 2012

RESUMO

Apresenta-se um conjunto de materiais pré-romanos (maioritariamente cerâmicos) recolhidos durante os mais recentes trabalhos arqueológicos realizados no espaço outrora ocupado pelo forum de *Aeminium*, actual Museu Nacional de Machado de Castro. Apesar de integralmente provenientes de contextos secundários, constituem testemunho raro das primeiras ocupações humanas atestadas em Coimbra. Deste modo, com o seu estudo, pretende-se complementar o actual estádio de conhecimento e lançar novas pistas acerca das ocupações pré-romanas da cidade e da região.

Palavras-chave: Coimbra; Cerâmica; Pré-história Recente; Idade do Ferro.

1. Introdução

Muito há ainda a trilhar no processo de recuperação de dados referentes à ocupação pré-romana de Coimbra. Este percurso, um tanto tortuoso, faz-se coligindo subsídios esparsos e de variadas naturezas, que se pretende, possam gradualmente projectar um quadro mais aproximado e completo daquelas realidades remotas. Neste contexto e com esse objectivo, o presente trabalho conforma-se como um contributo adicional, ao dar a conhecer um lote de materiais (maioritariamente cerâmicos) recolhidos ao longo das recentes intervenções arqueológicas ocorridas no espaço do Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC) – antigo forum de *Aeminium* (**vd. Figura 1.**) e cuja cronologia de produção se fixa num horizonte anterior à incorporação deste território no império romano.



Figura 1. Localização de Coimbra na Península Ibérica e do Museu Machado de Castro na cartografia da cidade. **Fonte:** Autores.

A recolha de espólio cerâmico de cronologia pré-romana no MNMC não é inédita. Já antes se tinha assinalado a presença de um escasso conjunto de materiais cerâmicos procedentes dos níveis de aterro do embasamento da basílica do forum (formados a partir de meados do séc. I d. C.), de fabrico manual e cronologia seguramente anterior àquela deposição, onde se destaca um pote com bordo golpeado e alguns fragmentos com decoração estampilhada (CARVALHO, 1998: 89-92).

Posteriormente, entre 2006 e 2008, novos trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito da obra de requalificação e ampliação do MNMC, resultaram no acréscimo (de mais 28 peças) e diversificação daquela coleção. Uns como outros partilham o facto de serem totalmente provenientes de contextos de recolha secundários. Apesar de maioritariamente oriundos dos níveis de aterro coetâneos da construção do forum e criptopórtico de meados do séc. I d. C., provêm igualmente, em menor número, de contextos datados de época Medieval e até Moderna, produto dos típicos revolvimentos associados a sítios com continuada ocupação humana (1). Neste contexto, a indicação da localização das respectivas sondagens e da própria natureza dos estratos de proveniência é de fraca relevância e tão diversa que nos escusamos à apresentação do inventário desses pacotes estratigráficos que nada acrescentam ao ensaio proposto.

Na verdade, o principal interesse deste lote artefactual heterogéneo e “descontextualizado” é o de ampliar significativamente o espectro tipológico e cronológico da cultura material associada aos momentos de ocupação mais antigos deste sítio e conhecidos, até ao momento, nesta cidade. Efectivamente, um dos dados mais interessantes da investigação desenvolvida (2) ocorreu durante a análise do espólio exumado neste local e que se encontrava em depósito na reserva do museu. Daí resulta o reconhecimento de um contentor cerâmico que remete para horizontes longínquos (pré-históricos) a instalação das primeiras comunidades humanas neste espaço.

2. Material arqueológico

Atendendo às circunstâncias expressas e às contingências (qualitativas e contextuais) do lote em apreço, adoptou-se uma abordagem analítica assente em critérios tecnológicos. Esta opção impõe-se de forma quase óbvia uma vez que, prontamente, se percepciona uma estreita relação entre os aspectos técnicos e formais do material reunido. Paralelamente, ensaiava-se uma seriação de objectos com base na determinação de uma sequência cronológica genérica sem esquecer, contudo, que a ausência de contextos e a natureza local das produções impede o estabelecimento de intervalos de datação estreitos e convida ao agrupamento de peças que poderão não ter sido, em rigor, contemporâneas.

Inicia-se, forçosamente, o catálogo com uma peça que, pelas suas características e provável cronologia, constitui uma excepção no conjunto. Trata-se de um contentor de produção manual que se encontrava depositado na reserva deste museu e que terá sido resgatado em escavações desenvolvidas em 1991 (3), junto ao embasamento da basílica do forum (na ala norte do edifício), das quais não resultou qualquer relatório, ou outra informação, e acerca do qual se desconhece o contexto deposicional.



Figura 2. Vaso calcolítico. **Fonte:** Autores.

O vaso globular de colo baixo (**vd. Figura 2.**) possui pasta densa, de boa qualidade e textura homogénea, dura e com cozedura redutora com arrefecimento oxidante. O acabamento superficial consiste num alisamento brunido sobre as paredes que oscilam em tons de castanho com manchas avermelhadas e escuras. Este é, justamente, um tipo comum ao longo da Pré-história Recente, podendo recuar aos finais do Neolítico mas com especial incidência entre meados do III e o II milénio a. C. Esta forma, que surge frequentemente decorada, encontra-se referenciada numa mancha territorial bastante vasta. A título de exemplo é possível estabelecer correspondência com o tipo 5B do Buraco da Pala - Mirandela (SANCHES, 1995: Fig. 62) e 5 da Fraga da Pena – Fornos de Algodres (VALERA, 1997: 65) e até com objectos anteriores, como o vaso proveniente da necrópole neolítica do Algar do Bom Santo – Alenquer (CARVALHO e MASUCCI, 2014: 164). Contudo, a peça que mais se lhe assemelha, particularmente do ponto de vista tecnológico, é o vaso calcolítico do Outeiro Redondo - Sesimbra (CARDOSO, 2011: 94, fig. 13 e 96, fig. 15).

A singularidade do achado e o facto da peça se encontrar praticamente completa devem merecer especial atenção, posto que, atendendo a outros casos conhecidos (CARDOSO, 2011), poderemos estar perante um depósito intencional e de significado ritual.

Este vaso deverá, assim, e face às parcias informações recolhidas, ser considerado como um achado isolado e evocativo de uma ocupação remota deste local (anterior ao período Proto-histórico), uma vez que o restante conjunto se enquadra maioritariamente no círculo temporal do I milénio a. C. Àquela época poderá igualmente reportar-se um fragmento de lâmina retocada em sílex (**vd. Figura 3.**), exumado nas últimas intervenções desenvolvidas no MNMC, durante trabalhos de limpeza do substrato geológico na área norte do edifício.



Figura 3. Fragmento de lâmina retocada em sílex. **Fonte:** Autores.

Da análise macroscópica das pastas dos fragmentos cerâmicos proto-históricos foi possível identificar três grupos de fabrico distintos.

Ao primeiro fabrico correspondem as produções de qualidade mediana a grosseira, de modelação manual, com pastas compactas e com abundantes inclusões de quartzo e mica de médio calibre. As paredes apresentam-se irregulares com alisamento descuidado e de cor pouco uniforme, manchadas em tons de cinza e castanho (**vd. Figura 4a.**). A este grupo (constituído por sete peças) associam-se exclusivamente formas fechadas - potes, potinhos e grandes potes (**vd. Figura 5.**). Este tipo de recipientes, particularmente relacionados com a confecção e acondicionamento de alimentos, é muito comum em termos regionais, enquadrando-se num lastro cronológico genericamente associado à Idade do Ferro, pelo que dificilmente se poderá assumir como indicador de uma cronologia mais fina. Peças semelhantes encontram-se já referenciadas no centro histórico de Coimbra (ALMEIDA [et al.], 2011: 40-42), destacando-se o próprio espaço do MNMC (CARVALHO, 1998: 89-90, Est. XVII – n.º 1-3), bem como outros locais na região do Baixo Mondego (PEREIRA, 2009: fig. 44).



Figura 4. Imagens exemplificativas dos fabricos: a) cerâmica comum; b) cerâmica cinzenta; c) potinho de fabrico fino; d) fragmento de bordo decorado em cerâmica fina de superfícies negras; e) exemplos de cerâmica comum decorada com estampilhas. **Fonte:** Autores.

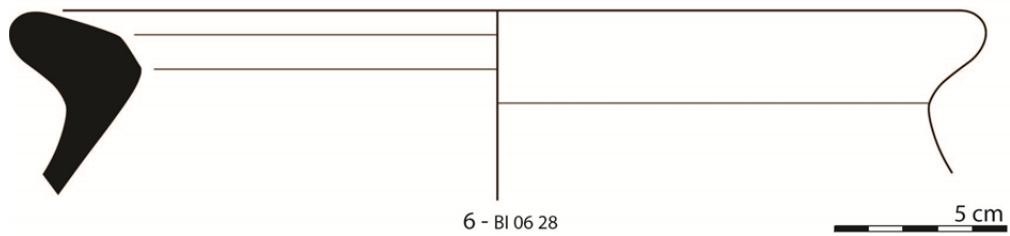
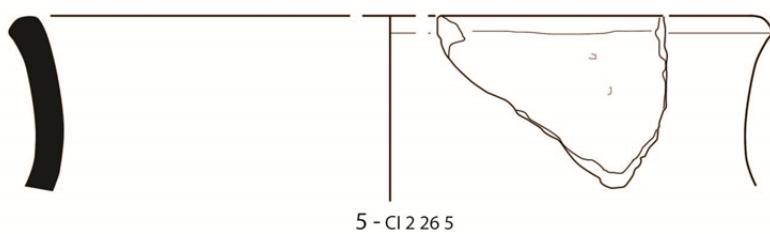
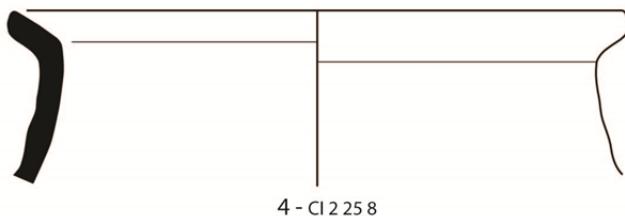
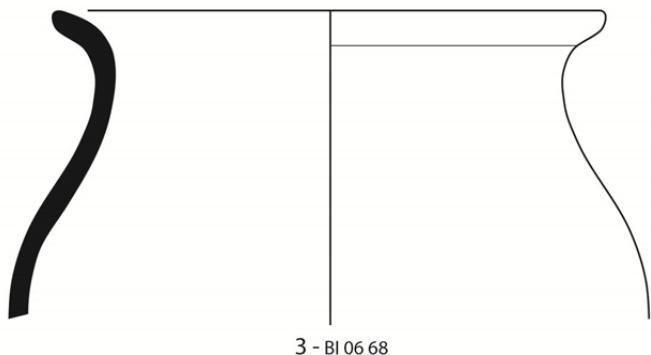
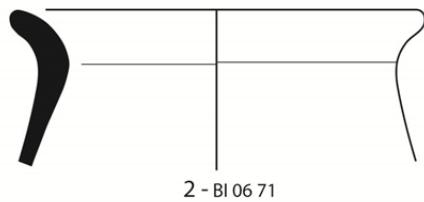
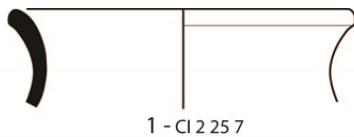


Figura 5. Formas de cerâmica comum. Fonte: Autores.

O segundo grupo, correspondente às cerâmicas cinzentas finas, caracteriza-se pela boa qualidade do fabrico, montado com auxílio de torno (4), com pastas compactas, cinzentas micáceas e bem depuradas, nalguns casos com presença significativa de grãos de quartzo de médio calibre. O aspecto superficial das peças é marcado, na generalidade dos artefactos, pela profusão cintilante de palhetas de mica sobre o fundo cinza tendencialmente claro, sublimado pelo polimento incipiente das superfícies (*vd. Figura 4b.*). Este grupo reúne, essencialmente, formas abertas, nomeadamente taças de paredes esvasadas de pendor recto e bordo pouco destacado (*vd. Figura 6.*) . Distinguem-se, de um modo geral, três variantes: uma de bordo boleado com inflexão interna (*vd. Figura 6, nº 1*); uma com bordo ligeiramente esvasado, por vezes rematado no interior por linha incisa (*vd. Figura 6, nº 3 a 5*); e, finalmente, uma outra de bordo levemente espessado e lábio plano (*vd. Figura 6, nº 6 e 7*). Sobressaem do conjunto algumas peças com pormenores decorativos. Assinala-se um grafito reproduzindo motivo triangular (*vd. Figura 6, nº 5*), executado pós-cozedura, salientando-se que formas semelhantes e com marcas afins se encontram referenciadas em Santa Olaia - Figueira da Foz (ROCHA, 1971: Est. XIX a XXI) (5). Testemunha-se ainda a aplicação de mamilos (*vd. Figura 6, nº 6*) e “pequeno ressalto” (*vd. Figura 6, nº 7*).

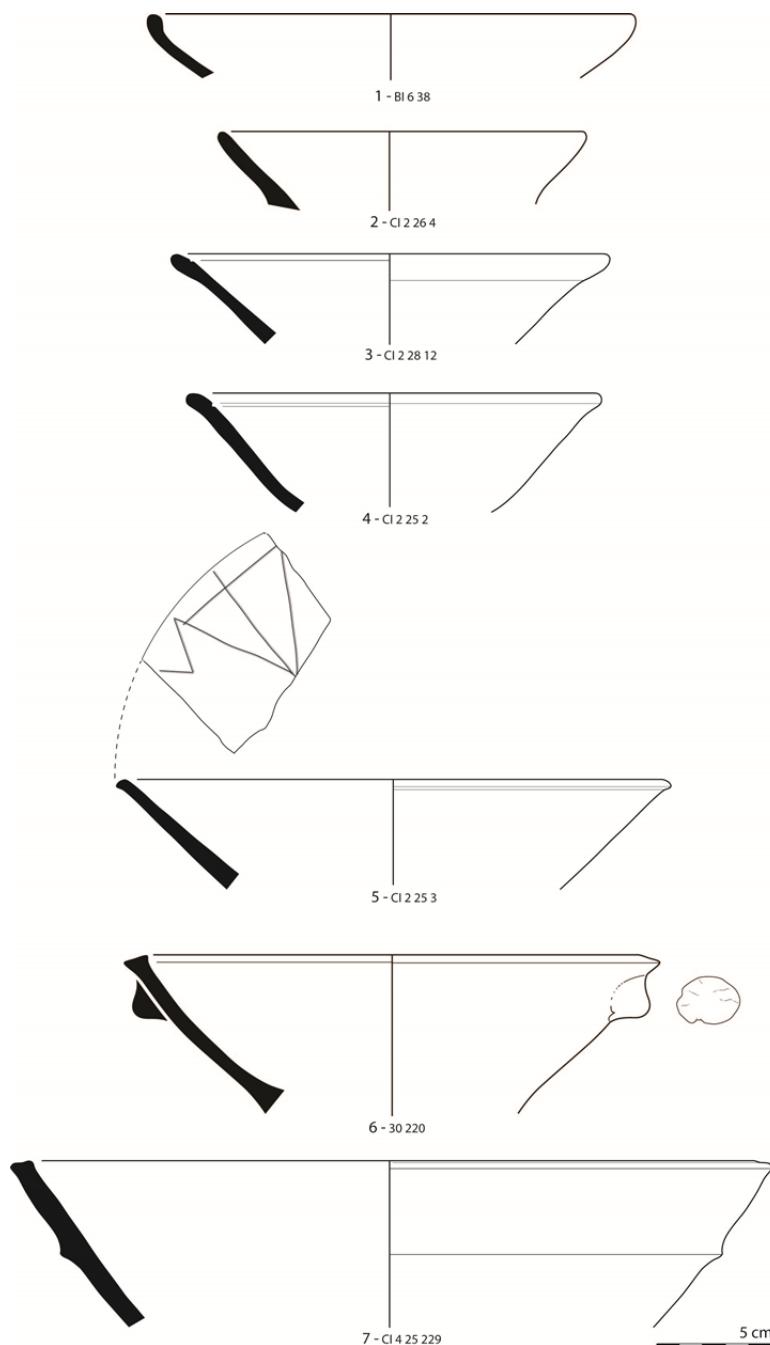


Figura 6. Formas abertas em cerâmica cinzenta fina. **Fonte:** Autores.

Apesar de inéditas em Coimbra, formas semelhantes marcam presença noutras sítios nesta esfera regional. São disso exemplo elementos recolhidos em Santa Olaia, nos níveis dos séculos VII a V a. C. (PEREIRA, 2009: fig. 35 a 37) e em Conímbriga, associados ao século VI a. C. (CORREIA, 1993: fig. 7) bem como a ambientes posteriores, datados dos séculos VI-III a. C. (ARRUDA, 1997: fig. 4, 8 e 12). Estas taças integram igualmente o repertório formal sidérico de áreas vizinhas e de certo modo congêneres, como é o caso do estuário do Tejo, onde correspondem à forma IA de cerâmica cinzenta fina (SOUSA, 2014: 290).

Apesar do predomínio das formas abertas, assinala-se ainda a presença de dois contentores fechados igualmente associados a este fabrico. O primeiro (*vd. Figura 4c. e Figura 7, nº 1*) corresponde a um potinho de perfil em S, de fabrico cuidado e pasta dura, com inclusões de calcite, mica e partículas ferruginosas de pequeno calibre. As superfícies revelam uma coloração castanho acinzentada, ostentando polimento intenso no exterior e no dorso do bordo, revelando a restante superfície (interna) estrias de alisamento indicadoras do recurso ao torno lento. Do mesmo modo, é possível encontrar paralelos para este recipiente na área de influência do estuário mondeguino, nomeadamente num pote de brilho metálico de Santa Olaia, datado dos séculos VI-V a. C. (PEREIRA, 2009: fig. 38) e em recipientes sidéricos de Conímbriga (ALARÇÃO, 1974: Pl. XI, n.º 200A e 207; ARRUDA, 1997: fig. 13). O segundo (*vd. Figura 7, nº 2*) corresponde a um pote montado ao torno, com pasta escura, de qualidade inferior, ostentando as típicas superfícies “polvilhadas” de palhetas de mica e acusando afagamento exterior. Em termos morfológicos colhe paralelo nos níveis dos séc. IV/III a. C. de Conímbriga (ARRUDA, 1997: fig. 7, nº. 2).

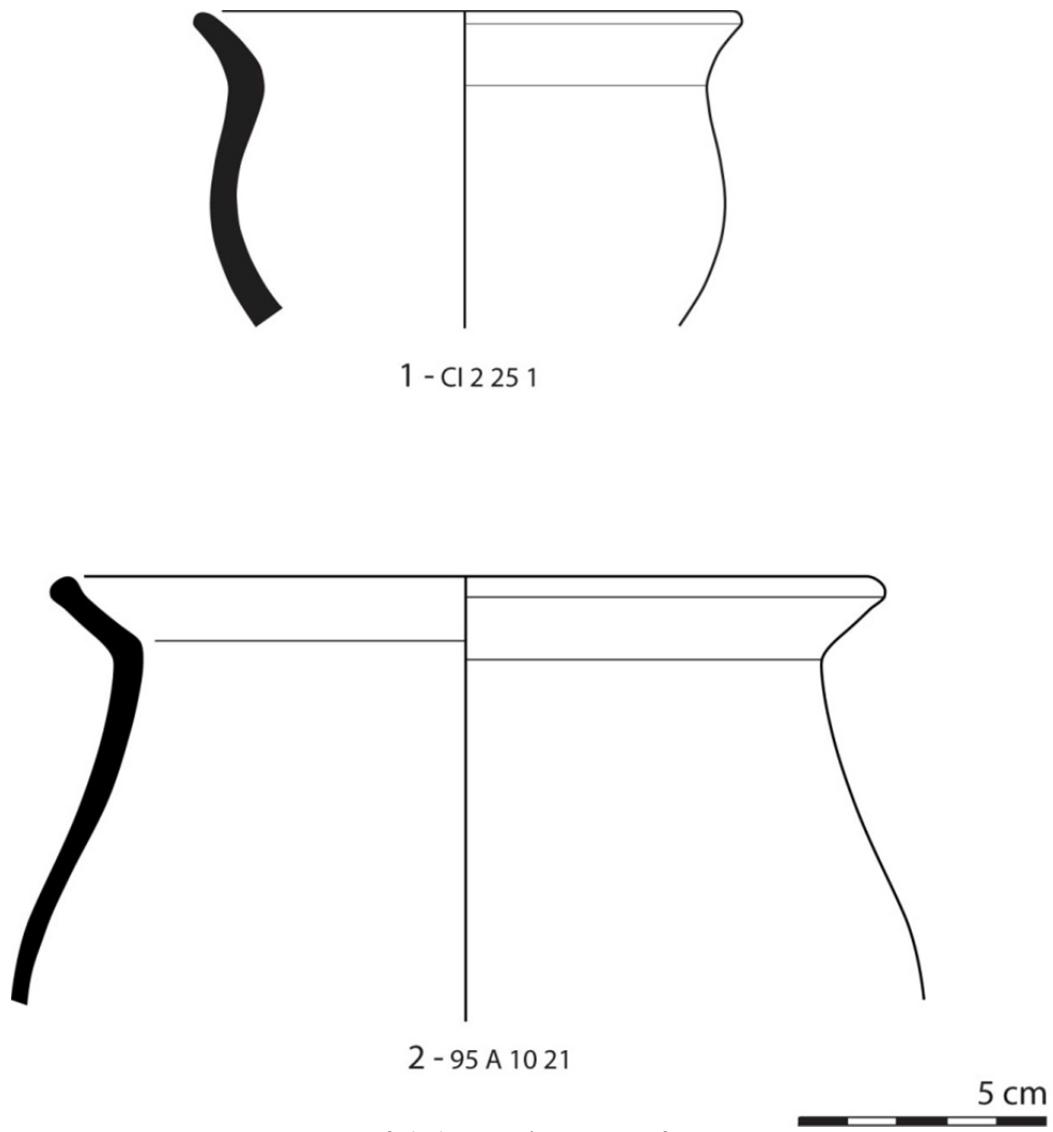


Figura 7. Formas fechadas em cerâmica cinzenta fina. **Fonte:** Autores.

Por fim, alista-se um terceiro grupo, em tudo semelhante ao fabrico fino tipo A, identificado na R. Fernandes Tomás - Coimbra (ALMEIDA [et al.], 2011: 38-39) e que se distingue por agrupar produções de notável qualidade, montadas com auxílio a torno, normalmente com cozedura oxidante. A pasta, geralmente bem depurada, evidencia inclusões de quartzo, mica e partículas ferruginosas. A sua característica mais distintiva prende-se com o acabamento superficial que exibe a aplicação de uma aguada negra intensamente polida (*vd. Figura 4d.*). Neste conjunto identificaram-se recipientes fechados de pequeno a médio porte (potes) com desenhos de bordo mais ou menos desenvolvidos e colos mais ou menos definidos, podendo ser armados de asa (*vd. Figura 8, nº 1*). Registou-se igualmente um fragmento de fundo de base côncava (*vd. Figura 8, nº 4*) (6). Assinala-se ainda, a par de um fragmento estampilhado com círculos concêntricos (*vd. Figura 8, nº 5*), a recolha de bordo revirado decorado por sequência de punctionamentos sobre canelura, formando um falso cordão horizontal a demarcar o colo pouco desenvolvido (*vd. Figura 8, nº 2*). O perfil evoluído da peça bem como os paralelos locais para esta produção (ALMEIDA [et al.], 2011: 41 e fig. 6) apontam para o estabelecimento de uma cronologia avançada dentro da II Idade do Ferro.

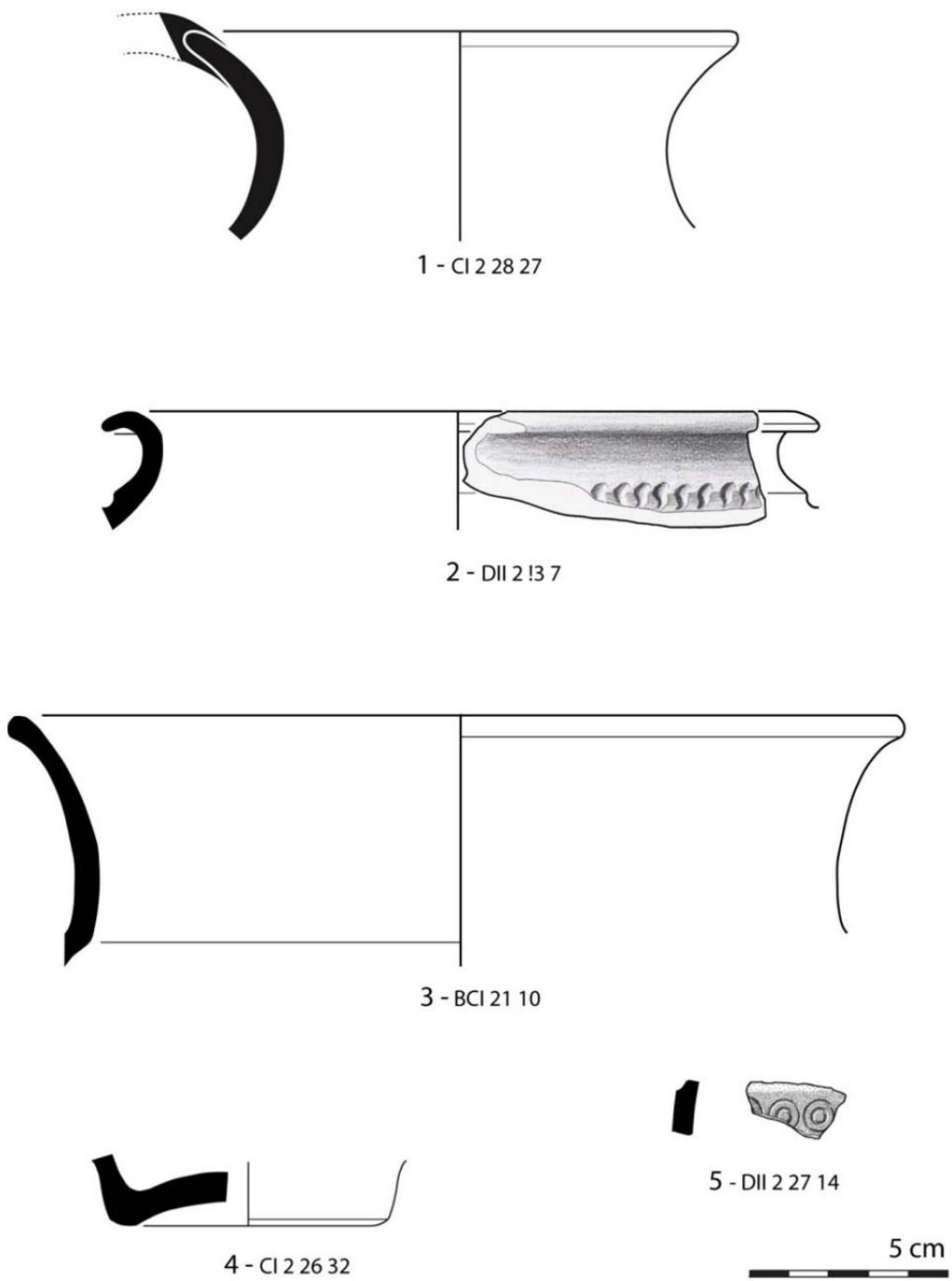


Figura 8. Peças de inspiração na cerâmica de verniz negro. Fonte: Autores.

Face às já evocadas condições de recolha do lote, a análise dos aspectos decorativos constitui uma estratégia de aproximação cronológica incontornável. Não se pretende com isso atribuir à decoração o sentido estrito de escala cronológica que, de facto, não pode comportar. Neste sentido, atenda-se à potencialidade dos atributos decorativos pela faculdade de definir padrões de demarcação de áreas culturais. Deste modo, a fim de estabelecer analogias com outras estações e áreas geográficas impõe-se uma abordagem aos signos e técnicas que, reunidos, ditam as tendências compostivas ou estilo das produções de Coimbra. Assim, aos grupos anteriormente estabelecidos, acrescenta-se a recolha de fragmentos cerâmicos que, embora amorfos, ostentam motivos decorativos tradicionalmente entendidos como de cronologia sidérica. Neste caso, a principal categoria compreende fragmentos de fabrico manual com matrizes estampilhadas de dimensão considerável (**vd. Figura 9, nº 1 a 5**).

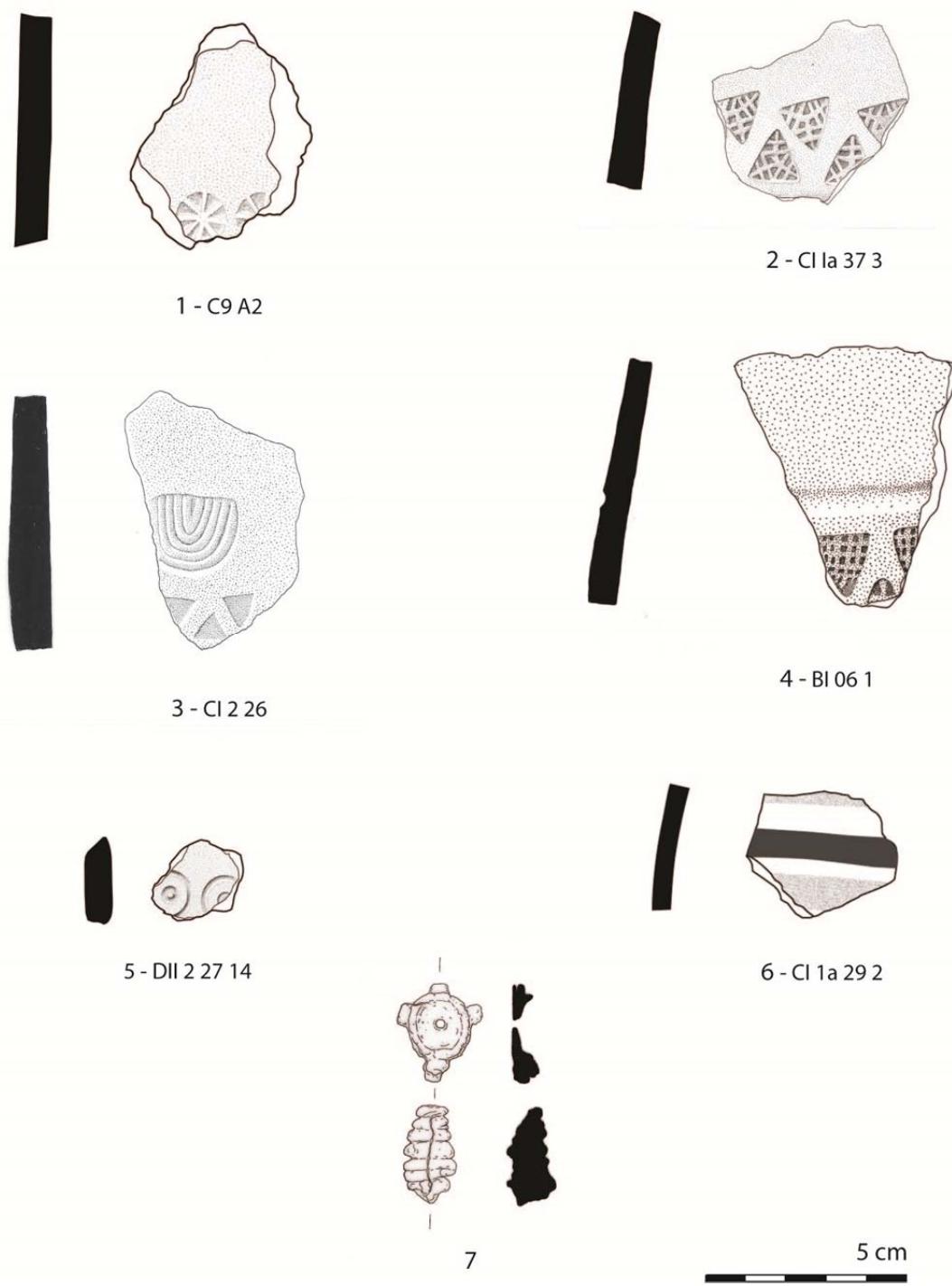


Figura 9. Cerâmica decorada e fragmento de fíbula. **Fonte:** Autores.

A decoração estampilhada encontra-se atestada em sítios arqueológicos próximos como Conímbriga (ALARÇÃO, 1974: Est. LXV e LXVI), Santa Olaia (PEREIRA, 2009: Fig. 13) e Crasto de Tavarede – Figueira da Foz (ROCHA, 1971: Est. XXXII-XXXIII), muito embora figurando de modo muito residual em qualquer um dos casos (**vd. Figura 10.**).

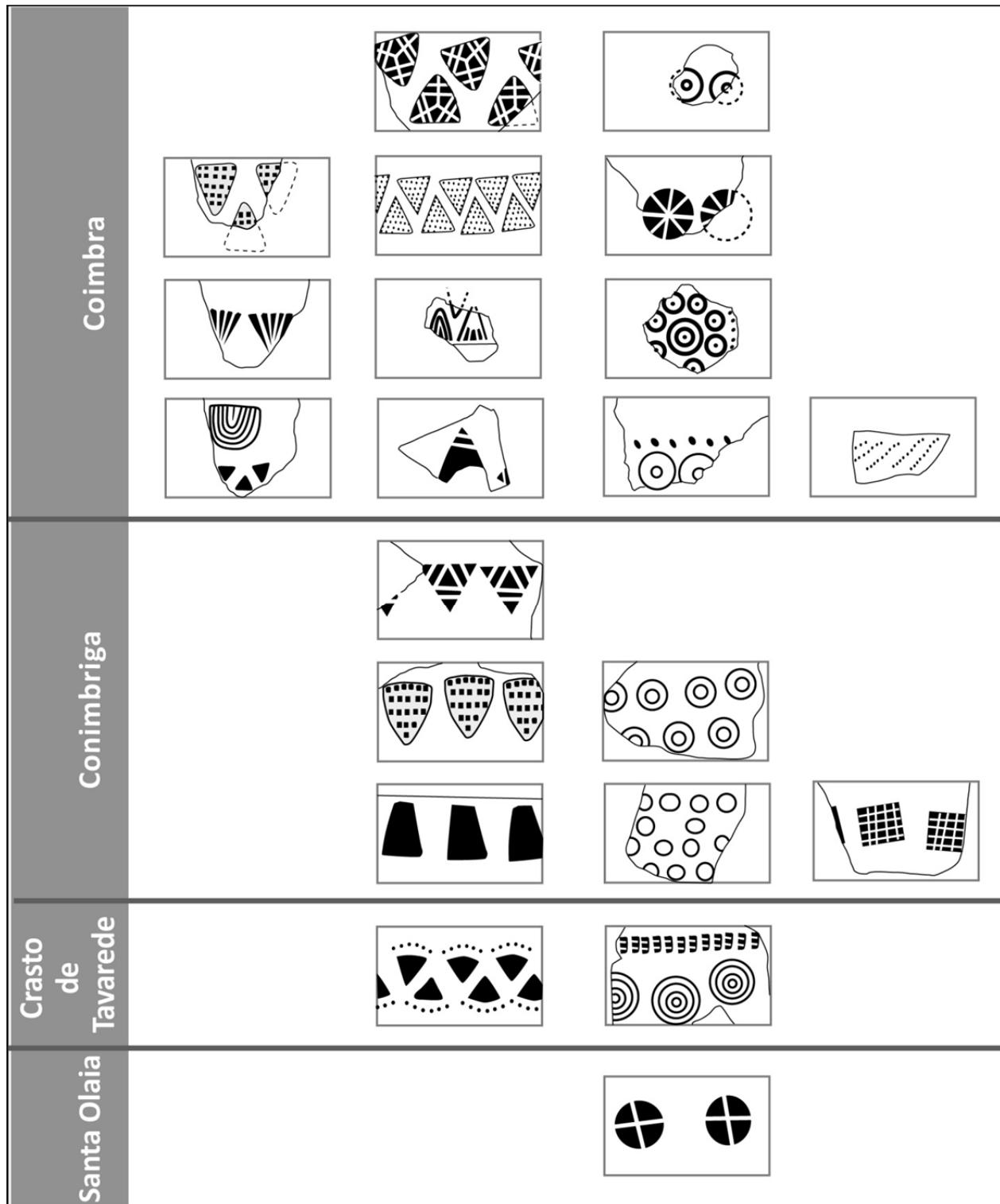


Figura 10. Quadro representativo das matrizes estampilhadas na área do Baixo Mondego. **Fonte:** Autores.

A par das estampilhas circulares, nomeadamente os costumados círculos concêntricos e círculos raiados (não muito distantes do motivo identificado em Santa Olaia), também presentes em Monte Figueiró - Ansião (COUTINHO, 1999: Fig. 5-2), predominam as matrizes sob a forma de escudete ou triângulo, com preenchimento variado (reticulados) e ocasional associação a símbolos complementares. Um dos casos (nº 4) encontra-se mesmo já atestado no lote da R. Fernandes Tomás (ALMEIDA [et al.], 2011: Fig. 10). Motivos de contorno triangular registam-se no território mais próximo - em Conímbriga e Tavarede. Têm uma ocorrência significativa na região centro, por exemplo, no castro de Romariz – Santa Maria da Feira - fase II (SILVA, 1986: Est. LXXIII, n.º 618), em Viseu (ALMEIDA, 2005: Est. XXXIII) e em Baiões – S. Pedro do Sul (SILVA, 1986: Est. X, n.º 10 e 11), mas encontram-se igualmente documentadas a Sul (7), como na Cabeça de Vaiamonte - Monforte (FABIÃO, 1998: Fig. 54).

Acresce ao grupo da cerâmica decorada um fragmento de bojo pintado com bandas a vermelho, branco e negro (**vd. Figura 9, nº 6**) que poderá, eventualmente, aproximar-se dos recipientes com pintura polícroma identificados em Conímbriga (ALARÇÃO [et al.], 1976: 6-10) e Santa Olaia (PEREIRA, 1997).

Importa, por fim, referir a presença de uma peça metálica que se acomoda a este horizonte cronológico. Trata-se do apêndice caudal de uma fíbula de cabuchão em bronze (**vd. Figura 9, nº 7**) do tipo 4h de Schüle ou Ponte 32c (SCHÜLE, 1969: 148; PONTE, 2006: 271-280), vulgarmente designadas por “tipo transmontano”. Apresenta-se fragmentada e bastante degradada, sendo formada por um apêndice caudal constituído (ao que parece) por seis anéis agrupados três a três, de forma simétrica em relação ao anel central, mais espesso. É encimado por um cabuchão ou espelho em forma de disco, com orifício de fixação para elemento decorativo (desaparecido). Trata-se de um tipo com cronologia de fabrico bastante lata, entre finais do séc. IV a. C. e finais do séc. I d. C., embora com especial projecção durante os séculos III-II a. C. e que Salete da Ponte (2006: 276 (quadro 87) e 277) associa a contextos militares romanos ligados aos *oppida* da faixa ocidental da Península. A sua presença no contexto regional é expressiva, tal como o demonstra o número de exemplares recolhidos em sítios como Conímbriga, Dórdias e Crasto em Soure ou até na Lomba do Canho em Arganil (PONTE, 2006: 275-276, quadro 86) e ainda no Cabeço de Figueiró Figueiró em Ansião (COUTINHO, 1999: Fig. 8, nº 3).

3. Considerações Finais

Acautelando as evidentes ressalvas decorrentes da natureza e volume do lote apurado, deverão elencar-se algumas linhas de interpretação possíveis.

Em primeiro lugar, fica patente que esta coleção congrega dois grupos de materiais de cronologia pré-romana bem diferenciada, sendo que o mais antigo poderá recuar pelo menos ao III milénio a.C. e o mais recente (e numeroso) se centra no I milénio a.C.

A descoberta do vaso calcolítico, que se traz à estampa, consolida os indícios conhecidos, atestados pela já conhecida ponta de projétil recolhida no alcácer (MANTAS, 1983; VILAÇA, RIBEIRO, 2008: 24), que apontam para uma ocupação no morro de Coimbra durante a Pré-história Recente. Compreenda-se, contudo, que esta ideia arrasta consigo uma cadeia de questões que reclamam esclarecimentos futuros, desde logo a relação deste núcleo com a necrópole da gruta dos Alqueves, não muito distante, na outra margem do rio e datada da segunda metade do IV milénio a. C. (VILAÇA, RIBEIRO, 1988; VILAÇA, RIBEIRO, 2008: 24). A ausência de contextos, a exiguidade dos testemunhos e a dificuldade em estreitar a janela cronológica do material, não permitem teorizar acerca do modelo de ocupação subjacente a estes vestígios, nem tão pouco estabelecer conexões com o povoamento envolvente. Não obstante, o reconhecimento de uma ocupação mais remota é um dado positivamente significativo pela complexificação das questões subjacentes à ocupação antiga da cidade (8).

Por outro lado, e mais uma vez, não se identificaram elementos distintamente atribuíveis ao II milénio a. C. que, por contingência do registo arqueológico ou mera casualidade, teimam em não aparecer na cidade. Sabendo que, nestes moldes, a sua aparente ausência não comprova a sua inexistência, não deixa de ser um dado curioso para o qual se deverá estar atento e que, em última instância, poderia indicar uma descontinuidade de ocupação da colina genética de Coimbra.

Por sua vez, o material proto-histórico (do I milénio a. C.) ganha coerência quando colocado em confronto com os dados já conhecidos. Excluindo os fragmentos de cerâmica com decoração polícroma, é de admitir que a restante coleção seja de proveniência local. A maioria dos exemplares corresponde a fabricos manuais de qualidade mediana a grosseira, encontrando-se igualmente presente o fabrico fino de filiação nas cerâmicas de verniz negro. É manifesta a familiaridade com o material já publicado das anteriores intervenções no museu (CARVALHO, 1998: 89-92), bem como com o lote recolhido na intervenção na R. Fernandes Tomás (ALMEIDA [et al.], 2011), tanto ao nível dos fabricos como dos tipos morfológicos.

A excepção aplica-se ao grupo constituído pelas cerâmicas cinzentas micáceas, associadas aqui sobretudo a recipientes abertos, que eram até agora desconhecidas em Coimbra. A justificação para se encontrarem ausentes no núcleo da R. Fernandes Tomás, fixado na segunda metade do I milénio a. C., poderá residir precisamente na sua datação. De facto, este fabrico parece reportar-se ao momento que antecipa a viragem da primeira para a segunda metade do milénio. Efectivamente, o arcaísmo do perfil das variantes 2 e 3 é reforçado pela associação a elementos que evocam ambientes mais recuados como sejam os mamilos. Precisamente, a denunciada ausência de formas abertas no contexto da R. Fernandes Tomás (ALMEIDA [et al.], 2011: 46) já havia sido comentada sob este ponto de vista.

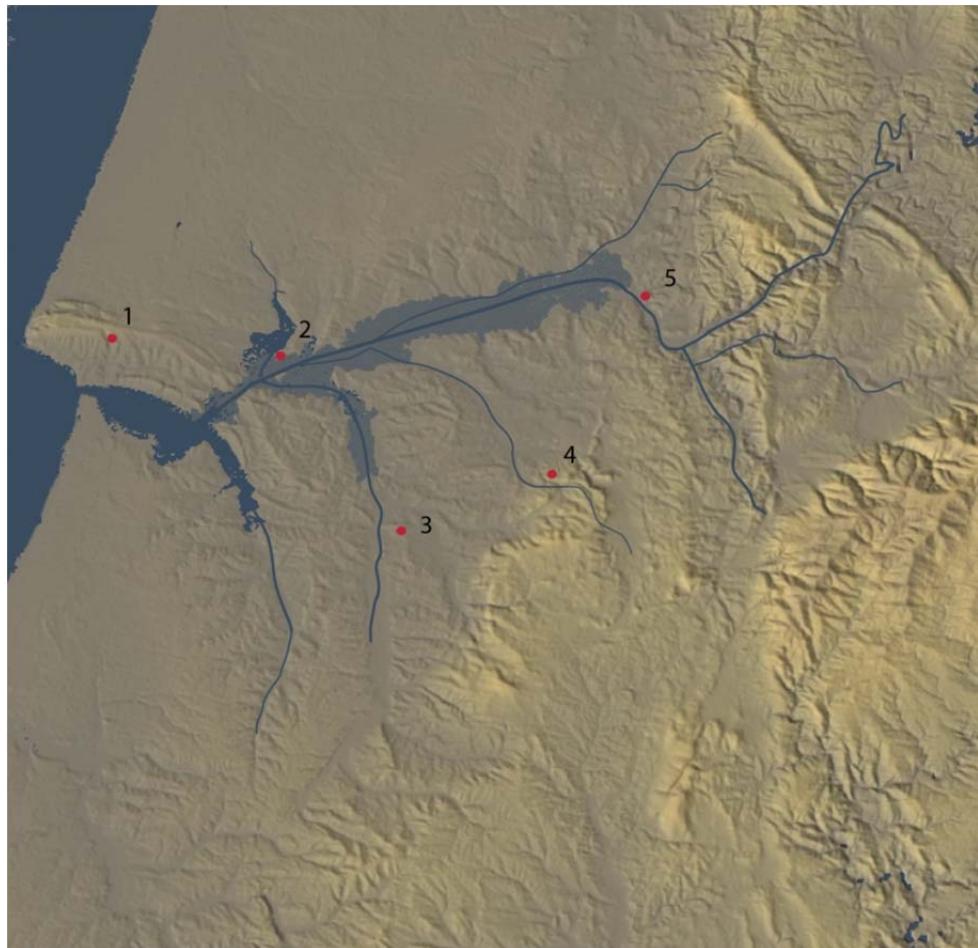


Figura 11. Localização dos povoados conhecidos na área do Baixo Mondego. 1. Crasto de Tavarede; 2. Santa Olaia; 3. Crasto de Soure; 4. Conimbriga; 5. Coimbra/Aeminium **Fonte:** Autores.

Adicionalmente, não deixa de ser interessante constatar que a identificação de cerâmica com decoração estampilhada coloca Coimbra e, por extensão, o Baixo Mondego na imediação da faixa de descontinuidade entre os núcleos de cerâmica estampilhada do Noroeste e do Sudoeste (FABIÃO, 1998: vol. 2, 105). Muito embora de significado obscuro, tal como o é, em diversos campos (cronológico, social, simbólico, etc.), o significado da própria cerâmica estampilhada, esta noção poderá lançar pistas para uma futura reflexão acerca das dinâmicas socioculturais durante a segunda metade do I milénio a. C. ao longo da fachada ocidental da península.

Relativamente a esta questão, note-se que o somatório de cerâmica com matrizes estampilhadas em Coimbra sobressai (treze exemplares) face aos núcleos vizinhos do estuário mondeguino (**vd. Figura 11.**), o que poderá derivar quer numa leitura cronológica, quer numa efectiva variedade sincrónica de distintos motivos com simbologias próprias ou, tão-só, expressando valores estéticos. Isto é, na esteira do que tem sido sugerido, assiste-se, na segunda metade do I milénio a. C., a uma transformação nas dinâmicas de ocupação e gestão do território na faixa ocidental da península, fruto de um eventual processo de ajuste a episódios que alteram o xadrez geopolítico do mundo circum-mediterrâneo, como é o caso das consequências da batalha de Alália (9). Ou seja, embora de forma não definitiva, este acontecimento, assim como outros que se lhe seguem, tem, naturalmente, reflexo na capacidade de controlo que os estados, ligas e federações demonstram sobre as suas redes de influência, através dos respetivos entrepostos, feitorias ou colónias. Neste contexto, um dos cenários a considerar no quadro de alterações nas estratégias de exploração do território, após a chamada “crise do séc. VI a. C.”, será o da gradual e progressiva decadência dos núcleos ocupacionais mais directamente marcados pela presença mediterrânea, a favor da consolidação de outros. No caso específico em análise, parece assistir-se à prevalência de Coimbra face a outros núcleos de forte matriz orientalizante como Santa Olaia e Crasto de Tavarede. Repare-se ainda que, tal como noutras áreas do território peninsular, concretamente o centro ocidental atlântico (SOUZA, 2014: 308), este evento parece manifestar-se a par com um generalizado fenómeno de regionalização, sobretudo ao nível da cultura material, expressando, simultaneamente, em termos económicos um crescente distanciamento da área do Estreito e dos territórios meridionais da Península (ARRUDA, 2005).

Em síntese, sem implicar uma revolução no quadro interpretativo vigente, o espólio apresentado ganha interesse por lançar luz sobre uma ocupação arqueológica longínqua ancorada entre o III e o II milénio a. C. e enriquecer o espectro da cultura material associada à ocupação sidérica de Coimbra. Neste contexto é de sublinhar a ocorrência de um segmento dentro dos fabricos cerâmicos identificados que poderá testemunhar, pela primeira vez, a ocupação do sítio no período de transição entre a I e II Idades do Ferro (séculos VI-V a. C.).

NOTAS

(1) O espaço hoje ocupado pelo MNMC notabiliza-se pela sua ampla e ininterrupta diacronia de ocupação ao longo dos últimos dois milénios. Sobre o espaço ocupado pelos *fora* da cidade romana de *Aeminium* (construído, numa primeira fase, nos inícios do séc. I e significativamente ampliado em meados da mesma centúria) é a partir de finais do séc. XI que se inicia o processo que levaria à conformação deste sítio como paço episcopal, funcionalidade que se prolongará até ao advento da República (ALARÇÃO et al., 2009).

(2) No âmbito da dissertação de doutoramento de uma dos autores (RCS), intitulada “O MNMC – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco”.

(3) A referida escavação foi inicialmente desenvolvida por António Tavares (geólogo, à data Técnico Superior Assessor do museu) e posteriormente retomada por Pedro Carvalho (1998).

(4) Exceptuam-se o nº 6 da Figura 6 que aparenta modelação manual e características técnicas de qualidade inferior às restantes e o nº 2 da Figura 7 por revelar fabrico e acabamentos mais grosseiros.

(5) A que se juntam outros exemplares com grafitos, em curso de estudo, provenientes das escavações realizadas na década de noventa do século XX neste sítio arqueológico. Agradecemos a Isabel Pereira esta informação.

(6) Registe-se que fundos de base côncava haviam já sido identificados em Coimbra (ALMEIDA [et al.], 2011: fig. 9), sendo igualmente frequentes em peças de cerâmica comum e cerâmica cinzenta fina na área do estuário do Tejo (SOUZA, 2014).

(7) A Norte cartografa-se igualmente a ocorrência de motivos de contorno subtriangular (incluindo conjugados com outros signos) em Sendim, Briteiros e Caminha (SILVA, 1986: Est. LXXIII) sendo, no entanto, a região centro a sua área de incidência preferencial.

(8) O estudo destas problemáticas inscreve-se no projecto de investigação “Raízes. Coimbra pré-romana”, em curso, coordenado por um dos autores (RV).

(9) A batalha naval de Alália (540 a.C.) teve lugar na costa da Córsega, no mar sardónico, entre os Helenos da Fócia e a aliança cartaginesa-etrusca. Aqui, segundo Heródoto (1.166.2) os Foceenses obtiveram uma “vitória à Cadmo”, sobre as forças da coligação, tendo sido compelidos a abandonar Alália.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARÇÃO, J. - **Cerâmica comum local e regional de Conimbriga**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1974.

ALARÇÃO, J. [et al.] - **Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques Diverses et Verres**. Paris: Diffusion E. de Boccard, 1976.

ALARÇÃO, J. [et al.] - **O Forum de Aeminium. A busca do desenho original / The Forum of Aeminium: The search for the original design**. Lisboa: IMC; MNMC e EDIFER, 2009. ISBN 978-972-776-394-8.

ALMEIDA, S. - **A Idade do Ferro no Planalto de Viseu – o caso do Morro da Sé**. 2005. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Acessível na Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

ALMEIDA, S. [et al.] – Cerâmica da II Idade do Ferro de *Aeminium* – R. Fernandes Tomás 72/74 (Coimbra, Portugal). **Conimbriga**. ISSN 0084-9189. Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras. Vol. L, 2011, editado em 2014, p. 33-57.

ARRUDA, A. M. – Conimbriga: Fouilles de 1988-1989. 2, Les travaux sur le forum. In **Itinéraires Lusitaniens: trente années de collaboration archéologique luso-française**. Paris: Diffusion E. de Boccard, 1997, p. 13-33.

ARRUDA, A. M. – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. **O Arqueólogo Português**. Museu Nacional de Arqueologia. Série IV. Vol. 23, 2005, p. 9-156.

CARDOSO, J. L. – Deposições rituais de vasos cerâmicos em contextos domésticos: os exemplares do povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). **Revista Portuguesa de Arqueologia**. ISSN 0874-2782. Vol. 14, 2011, p. 85-106.

CARVALHO, A. F. e MASUCCI, M. A. (2014) – Pottery. In CARVALHO, A. F. (Ed.), **Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal**. Faro: Universidade do Algarve, 2014. ISBN 978-989-97666-3-1. p. 161-172 [Promontoria Monográfica, 17].

CARVALHO, P. C. - **O Forum de Aeminium**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1998. ISBN 972-776-002-3.

CORREIA, V. H. – Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego. **Estudos Orientais**. Lisboa: Instituto Oriental. Vol. 4, 1993, p. 229-283.

COUTINHO, J. E. R. – **Idade do Ferro e Romanização do Monte Figueiró**. Coimbra. Instituto de Arqueologia. 1999. (Trabalho policopiado).

FABIÃO, C. - **O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português**. 1998. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Acessível na Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

MANTAS, V. – Alcáçova de Coimbra. **Informação Arqueológica**. ISSN 0871-0880. Vol. 3, 1983, p. 31.

PEREIRA, I. – Santa Olaia et le commerce atlantique. In **Itinéraires Lusitaniens: trente années de collaboration archéologique luso-française**. Paris: Diffusion E. de Boccard, 1997. p. 209-253.

PEREIRA, I. – As actividades metalúrgicas na I.^a e II.^a Idade do Ferro em Santa Olaia – Figueira da Foz. **Conimbriga**. ISSN 0084-9189. Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras. Vol. XLVIII, 2009, p. 61-79.

PONTE, S. - **Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal**. Coimbra: Caleidoscópio, 2006. ISBN 9789898010070

ROCHA, A. S. – **Memórias e explorações arqueológicas II. Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira**. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1971. ISBN 9780000064233

SANCHES, M. J. - **O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro**. 1995. Dissertação de Doutoramento em Pré-história e Arqueologia. Acessível na Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

SILVA, A. C. F. – **A Cultura castreja no Noroeste de Portugal**. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.

SCHÜLE, W. - **Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel: mediterrane und eurasische Elemente in fruheisenzeitlichen Kulturen Südwesteuropas**. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1969. ISBN 978-3111290423 [Madrid: Forschungen, 3].

SOUSA, E. – **A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo**. 2014. Uniarq. Estudos & Memórias 7, Lisboa.

VALERA, A. C. – Fraga da Pena (Sobral, Pichorro, Fornos de Algodres): uma primeira caracterização no contexto da rede local de povoamento. **Estudos Pré-Históricos**. ISBN 972-95952-2-4. Vol. 5, 1997, p. 55-84.

VILAÇA, R. e RIBEIRO J. P. C. - Escavações arqueológicas na Gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Coimbra). **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. ISSN: 0304-243 X. Vol. XXVII (1-4), 1987, p. 27-49.

VILAÇA, R. e RIBEIRO, J. P. C. - **Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral / From the earliest human occupations to the Romans' arrival to the Beira Litoral**. Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, 2008. ISSN 0873-593X [Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 4; Arkeos, 23].

Pre-Roman Testimonies in the Aeminium Forum (Coimbra, Portugal)

Sara Oliveira Almeida

Ricardo Costeira da Silva

Raquel Vilaça

Article History:

Received in 27th October 2015

Revised form 02nd November 2015

Accepted 20th November 2015

ABSTRACT

This paper concerns an assemblage of pre-roman materials (mostly pottery) recovered during the latest archeological excavations at the former Roman forum of Aeminium (presently the Machado de Castro National Museum, MNMC, in Coimbra). Despite proceeding from secondary deposits these finds provide a rare testimony of the early human occupations known in Coimbra. Its study aims to develop the actual state of knowledge about Pre-Roman occupations in the city and surrounding region while raising new perspectives on the subject.

Key-words: Coimbra; Pottery; Recent Prehistory; Iron Age.

1. Introduction

Much remains to be done on treading a path to the understanding of Pre-Roman occupations in Coimbra. Such a path, somewhat tortuous, is set through the collection of scattered information from diverse sources, in the expectation that, gradually, they may provide a closer and better picture of those ancient realities. This study addresses that objective by presenting a group of materials (mainly pottery) produced before the incorporation of this territory under Roman rule (**see Image 1.**). The materials were recovered during the latest archaeological interventions at the MNMC (the ancient city's Roman forum).

Image 1. Location of Coimbra in the Iberian Peninsula and the Machado de Castro Museum in the city map. **Source:** Authors.

The recovery of Pre-Roman materials at this archaeological site (MNMC) isn't a complete novelty. In fact, there was already notice of a small number of manually produced Iron Age potsherds (including a rim with sharp incisions and some stamped sherds) found within the construction layers of the basilica's forum (dated from the middle of the 1st century AD) (CARVALHO, 1998: 89-92).

Later, between 2006 and 2008, new archaeological interventions, carried out during the rehabilitation and expansion of the museum, increased the number (in 28 items) and diversity of the Pre-Roman assemblage. All these pottery groups were recovered from secondary deposits. The majority came from the landfill layers related to the forum and *crypt波特icus* construction (dated from the middle of the 1st century AD), but others were found in Medieval or Modern contexts, as a result of common soil movements, usual in sites with enduring occupations (1). Since the materials were not found in primary contexts related to the period here analysed, the presentation of the full stratigraphic record of their finding is deemed superfluous to this discussion.

The main interest of this assemblage (heterogeneous and decontextualized) is that it increases the typological and chronological spectre of the material culture related to the earlier occupations known in Coimbra. In fact, one of the most interesting novelties of this study (2) was the identification of a pottery container related to ancient chronologies (Prehistoric), thus enlarging the chronological span of the first human fixation in this area. The vessel was identified amongst the Museum Reserve materials that were found at this site.

2. Archaeological Remains

The analytic approach used in this study is based on technological criteria. This option became self-evident due to the circumstances already explained, to the qualitative and contextual contingencies of the assemblage and to the immediate perception of a clear relationship between the materials' technical and formal characteristics. Simultaneously, it is attempted to broadly sequence these materials chronologically. Nonetheless, it is necessary to have in mind that the absence of primary contexts and the local nature of the pottery fabrics prevent the establishment of safe and precise dating intervals, possibly favouring the association of objects that may not have been strictly contemporary.

The catalogue has to begin with a vessel whose attributes and probable chronology make it an exception within this pottery set. It is a hand-made container uncovered during the excavations that took place in 1991 (3) near to the foundations of the forum's basilica (at the North wing of the building) and was kept in the museum's reserve. Since this excavation campaign wasn't followed up by an archaeological report, the specific finding context of the vessel is unknown.

Image 2. Chalcolithic vessel. Source: Authors.

The spherical vessel has a short neck (**see Image 2**) and was made in a good quality fabric that is texturally dense and homogeneous. Its dark core and reddish exterior indicates a carbon rich firing followed by an oxidizing cooling. The surfaces are brown with reddish patches displaying a polished finish. This type can be traced back to end of the Neolithic, becoming very common during the Late Prehistory, especially around the 3rd and 2nd millennia BC. This shape is often decorated and has been found in a wide territory. For example, it can be paralleled to the formal type 5B of Buraco da Pala – Mirandela (SANCHES, 1995: Fig. 62), to the formal type 5 of Fraga da Pena – Fornos de Algodres (VALERA, 1997: 65) or to earlier vessels, like one found at the Neolithic Necropolis of Algar do Bom Santo – Alenquer (CARVALHO e MASUCCI,

2014: 164). The closer parallel, however, is a Chalcolithic container found at Outeiro Redondo – Sesimbra (CARDOSO, 2011: 94, fig. 13 e 96, fig. 15), showing great technological similarities to this one.

The uniqueness of this find and the fact that the vessel was almost complete deserve consideration. It brings to mind other known cases (CARDOSO, 2011), thus drawing attention for the circumstance that it may represent an intentional deposition of ritual significance.

Besides this vessel, all the other Pre-Roman finds can be ascribed to a latter period, dating from the 1st millennium BC. Therefore, and in face of the scarce information available, the vessel should be considered an isolated find, evocative of a remote occupation (earlier to the Protohistoric period) in this place. There is also a retouched flint blade fragment (**see Image 3**) that can equally be related to this period. It was found during the latest excavations at the MNMC, while cleaning the bedrock, at the North side of the building.

Image 3. Blade fragment retouched in Flint. **Source:** Authors.

The macroscopic observation of the Protohistoric pottery fabrics allowed the identification of three different groups.

The first one includes average to coarse hand-made productions. The fabrics show compact matrixes with plentiful quartz and mica inclusions, averagely-sized. The walls are irregular, carelessly smoothed; showing uneven colours stained in grey and brown shades (**see Image 4.a**). This group (represented by 7 vessels) only integrates closed shapes – ranging from small to big pots (**see Image 5**). This type of containers, particularly related to food cooking and storage, is regionally quite common. It is broadly associated to the Iron Age and does not allow the identification of a more precise chronology. Similar vessels had already been reported at Coimbra's Historic Centre (ALMEIDA [et al.], 2011: 40-42) or in this museum (CARVALHO, 1998: 89-90, Est. XVII – n.º 1-3), as well as in other locations along the Lower Mondego river basin (PEREIRA, 2009: fig. 44).

Image 4. Sample images of pottery productions: a) common pottery; b) gray ware; c) small pot of fine fabric; d) decorated rim fragment in fine fabric black ware; e) stamped pottery examples. **Source:** Authors.

Image 5. Common pottery forms. **Source:** Authors.

The second group is composed of fine grey ware. It is characterized by high quality wheel-made productions (4). The matrix of the fabric is fine, compact and grey, presenting micaceous inclusions and, sometimes, a significant amount of averagely-sized quartz. In most cases the surfaces are shimmery by being mica-dusted, thus adding to the effect of the light grey polished walls (**see Image 4.b**). This group is mainly composed of open shapes, such as bowls with straight walls and an almost indistinct rim (**see Image 6.**). Three variants can be distinguished: one showing a rounded rim with an internal inflection (**see Image 6, No. 1**); one with a slightly everted rim that sometimes has an incised line on the inside (**see Image 6, No. 3 to 5**); and, finally, one with a slightly thickened rim and a flat lip (**see Image 6, No. 6 e 7**). Some sherds stand out due to their decorative details. The presence of a triangular post-firing *grafitto* should also be noticed (**see Image 6, No. 5**). Similar pottery shapes and *grafitti* are known in Santa Olaia – Figueira da Foz (ROCHA, 1971: Est. XIX a XXI) (5). It was also observed the application of lugs (**see Image 6, No. 6**) and of a small ledge (**see Image 6, No. 7**).

Image 6. Open vessel in fine gray ware. **Source:** Authors.

Despite having been unknown in Coimbra, up until now, similar shapes were identified in sites within this region. Some examples are the sherds retrieved at Santa Olaia, in levels dated from the 7th to 5th centuries BC (PEREIRA, 2009: fig. 35 a 37), and at Conímbriga, where they are associated to the 6th century BC (CORREIA, 1993: fig. 7). They also show up in later contexts dating from the 4th to 3rd centuries BC (ARRUDA, 1997: fig. 4, 8 e 12). These bowls are also part of the formal repertoire of the Iron Age tableware in neighbouring (and somewhat similar) areas such as the Tagus estuary. In this region they can be paralleled to the shape IA of the fine grey ware group (SOUSA, 2014: 290).

Despite the predominance of open shapes, there are also two closed containers included in this fabric type. One of them (**see Image 4.c and Image 7, No. 1**) is a small S shaped pot, made out in a good-quality fabric of compact texture and small-sized calcite, mica and ferrous particles inclusions. The surfaces are brown to grey and, while the exterior and lip bear an intense polishing, the interior shows smoothing striations, revealing that it was made over a turntable. There are parallels to this container in the Mondego's estuary influence area. A great parallel is found in a pot recovered at Santa Olaia. It shows metallic luster and dates from the 6th to 5th centuries BC (PEREIRA, 2009: fig. 38). Further equivalents can be found on Iron Age vessels from Conímbriga (ALARÇÃO, 1974: Pl. XI, No. 200A and 207; ARRUDA, 1997: fig. 13). The second container (**see Image 7, No. 2**) is a dark wheel-made pot. Its fabric is lower in quality and its smoothed surfaces are abundantly mica dusted. From a morphological standpoint it can be paralleled to vessels recovered at Conímbriga's within layers dated of the 4th to 3rd centuries BC (ARRUDA, 1997: fig. 7, No. 2).

Image 7. Fine gray ware closed containers. **Source:** Authors.

Finally, the third group is similar in all respects to the fine ware of type A, identified at the Fernandes Tomás Street in Coimbra (ALMEIDA et al., 2011: 38-39). It is characterized by its remarkable quality, assembling wheel-made productions that were usually fired over oxidizing conditions. The fabric is usually very fine presenting quartz, mica and oxidized iron inclusions. The most distinctive trait of this group is the presence of an intensely polished black slip finish on the surfaces (**see Image 4.d**). The group presents closed containers of small to medium size (pots) with variable rim and neck curves, sometimes with handles (**see Image 8, No. 1**). A concave base fragment (**see Image 8, No. 4**) was also identified (6). The finding of a stamped sherd, displaying concentric circles, (**see Image 8, No. 5**) is noteworthy, as it is the recovery of an everted rim with punctate decoration over a groove that frames the vessel's short neck (**see Image 8, No. 2**). This vessel's profile and the local parallels found (ALMEIDA [et al.], 2011: 41 and fig. 6) allow proposing an advanced chronology for it, within the 2nd Iron Age.

Image 8. Containers inspired by black varnish ware. **Source:** Authors.

Decoration analysis is crucial to approach the chronology of this pottery set, particularly because of the limitations posed by its finding contexts, as discussed. That being said, however, the decoration should not be seen simply as a means for dating, since it isn't strictly a chronological measure, and it is informative in other regards. For example, it has the potential to help establishing relations to known cultural areas too. Thus, in order to find analogies with other archaeological sites and geographical areas, it is relevant to analyse the signs and techniques which, altogether, established the decorative tendencies, or the style, of Coimbra's productions. Therefore, adding to the discussed fabric groups, it is important to address some sherds which, despite their lack of morphological information, bear decorative patterns traditionally

attributed to the Iron Age in the Iberian Peninsula. In this case the main category comprises hand-made fragments showing stamped motifs of significant size (**see Image 9, No. 1 to 5**).

Image 9. Decorated pottery and fibula fragment. **Source:** Authors.

Stamped decoration is present at nearby archaeological sites such as Conímbriga (ALARCÃO, 1974: Est. LXV e LXVI), Santa Olaia (PEREIRA, 2009: Fig. 13) and Crasto de Tavarede – Figueira da Foz (ROCHA, 1971: Est. XXXII-XXXIII), although showing up in very scarce numbers at each of these sites (**see Image 10**).

Image 10. Table of stamped motives in the Lower Mondego river basin. **Source:** Authors.

Two main impressed motifs stand out in this collection. One is circular; depicting the usual concentric circles or circles surrounded by rays (similar to the motif identified at Santa Olaia) and has parallels at Monte Figueiró – Ansião (COUTINHO, 1999: Fig. 5-2). The other is triangular, or shield-like, filled in several ways (reticulate for instance) and occasionally associated to complementary symbols. One of the cases (No. 4) was already known from the pottery set found at the Fernando Tomás Street (ALMEIDA et al., 2011: Fig. 10). These triangular motives occur in the nearby territory at Conímbriga and Tavarede. They are fairly common in the Centre of Portugal, at sites like Castro de Romariz – Santa Maria da Feira – phase II (SILVA, 1986: Est. LXXIII, No. 618), Viseu (ALMEIDA, 2005: Est. XXXIII) and Baiões – S. Pedro do Sul (SILVA, 1986: Est. X, No. 10 and 11), and are also recognized in the South (7), for example in Cabeça de Vaiamonte – Monforte (FABIÃO, 1998: Fig. 54).

The group of decorated pottery also includes a fragment painted in horizontal red, white and black stripes (**see Image 9, No. 6**). It is possibly related to the polychrome containers identified at Conímbriga (ALARCÃO [et al.], 1976: 6-10) and Santa Olaia (PEREIRA, 1997).

Finally, there is a metallic artefact that can fit this chronological horizon, although it is broken and highly eroded. It is a bent back foot/appendage of a bronze vessel-shaped fibula (**see Image 9, No. 7**) classified into types Schüle – 4h or Ponte 32c (SCHÜLE, 1969: 148; PONTE, 2006: 271-280) and commonly known as the "Transmontano Type". It consists of a bow's bent back terminal appendage, apparently composed of six rings, grouped three by three, symmetrical to the central ring, which is thicker. It is topped by a cabochon, or disk-shaped mirror, having a fixing hole for the missing decorative element. This type was made during a very wide chronology, between the end of the 6th century BC and the end of the 1st century AD, having special incidence over the 3rd to 2nd centuries BC. Salete da Ponte (2006: 276 – table 87 and 277) associates this type to Roman military contexts connected to the *oppida* from the Iberian Peninsula's West. Its presence within this region is substantial, as evidenced by the number of specimens recovered in sites like Conímbriga, Dórdias and Crasto – Soure, or even in Lomba do Canho – Arganil (PONTE, 2006: 275-276, table 86) and Cabeço de Figueiró – Ansião (COUTINHO, 1999: Fig. 8, No. 3).

3. Final Remarks

Bearing in mind the obvious cautions, arising from nature and quantity of this pottery assemblage, it is possible to list some interpretation lines.

Firstly, it is clear that the assemblage includes two main groups of Pre-Roman artefacts of different chronologies. The oldest may go back at least to the 3rd millennium BC and the most recent (and numerous) dates from the 1st millennium BC.

The discovery of the Chalcolithic vessel here published reinforces the evidence substantiated by a known projectile tip collected at the alcácer (MANTAS, 1983; VILAÇA, RIBEIRO, 2008: 24). Both artefacts suggest the existence of a Late Prehistoric occupation at Coimbra's hill (VILAÇA, RIBEIRO, 1988; VILAÇA, RIBEIRO, 2008: 24). This idea, however, raises an array of questions claiming for future enlightenment. An important one is the understanding of the possible relation between this site, at the hill, and the cave of Alqueves, standing in the opposite river bank and dated to the second half of the 4th millennium BC (VILAÇA, RIBEIRO, 1988; VILAÇA, RIBEIRO, 2008: 24). Unfortunately, the absence of primary finding contexts, the paucity of evidence and the difficulty in narrowing the chronological span of the materials, prevent us from understanding the underlying occupational model expressed by these testimonies, or from establishing connections with the surrounding settlements. Nevertheless, the recognition of this early occupation is surely significant to the understanding of the complex themes underlying the city's former occupations (8).

The known absence of materials ascribable to the 2nd millennium BC in this city is reinforced once again. Be it by contingencies of the archaeological record or by mere chance, the fact is that they continue to be lacking. Evidently, an absence does not prove inexistence. Nonetheless, this curious information raises awareness to the possibility of an ultimate occupational discontinuity at the hill where Coimbra was born.

On the other hand, the proto-historical materials (from the 1st millennium BC) are quite consistent, particularly when compared to the data already known. Despite the exception of the polychrome painted pottery sherds, it is admissible that the assemblage was locally produced. Most specimens are hand-made, showing fabrics of average to coarse quality and also some fine fabrics, resembling the black varnish ware. Overall their similarity to the materials published from earlier interventions at the museum (CARVALHO, 1998: 89-92) or at the Fernandes Tomás Street (ALMEIDA [et al.], 2011) is perfectly clear, be it morphologically or technically.

The fine grey ware group, however, was previously unknown in Coimbra and it is relevant that, in this assemblage, it is expressed mainly by open vessels. The absence of this type within the Fernandes Tomas Street assemblage (dated from the 2nd half of the 1st millennium BC) may be explained by its chronology, since fine grey ware is dated to a moment prior to the transition from the 1st to the 2nd half of the 1st millennium BC. In fact, the archaic profile of variants 2 and 3 from the MNMC is enhanced by its association to early morphological traits like the applied lugs. Also noteworthy is the absence of open shapes in the assemblage found at the Fernandes Thomas Street, which was discussed elsewhere precisely from this point of view (ALMEIDA [et al.], 2011: 46).

Image 11. Location of known settlements in the Lower Mondego area. 1. Crasto de Tavarede; 2. Santa Olaia; 3. Crasto de Soure; 4. Conimbriga; 5. Coimbra/Aeminium. **Source:** Authors.

In addition, the finding of stamped pottery at this site is very interesting. It places Coimbra (and consequently the Lower Mondego river basin) in the immediate vicinity of a discontinuity area between the main known nucleus of stamped pottery, located in the Northwest and in the Southwest (FABIÃO, 1998: vol. 2, 105). The significance of stamped pottery, is of obscure meaning in different aspects (chronological, social, symbolic, etc.). Nevertheless it is possible that it may provide clues for further reflection on the socio-cultural dynamics of the 2nd half of the 1st millennium BC along the Iberian Peninsula's western territory.

It should be noted that the amount of stamped pottery in Coimbra stands out (thirteen cases), particularly when compared to neighbouring Montego's sites (**see Image 11**). This may have a chronological explanation; it may reflect a synchronous variety of diverse decorative motifs with their own symbolism; or it may express aesthetic preferences.

There seems to be a change in occupational dynamics and territory management in the Western area of the Peninsula in the 2nd half of the 1st millennium BC. Such modification is fruit of adjustments to episodes which alter the geopolitical chess in the Mediterranean area, as exemplified by the Alalia battle and its consequences (9). Naturally, this event and those that followed it triggered reflexes in the control ability of states, leagues and federations, who had to remaster their influence networks, through outposts, trading posts or colonies. In the context of this so-called "6th century BC crisis" (and the changes it brought to territorial exploitation strategies) one can consider a scenario where the settlements most directly affected by Mediterranean presence suffer a gradual and progressive decay, thus favouring the consolidation of others. In the specific case at hand, it seems that Coimbra prevails when compared to sites which had a stronger Eastern influence, such as Santa Olaia and Crasto de Tavarede. Attention is drawn to the fact that, similarly to other areas of the Iberian Peninsula, and particularly of the Atlantic Centre-West (SOUSA, 2014: 308), this event seems to happen at the same time than a phenomenon of widespread regionalization. This is most evident in the material culture, which translates the growing economic distancing from the Strait of Gibraltar and from the southern territories of the Peninsula (ARRUDA, 2005).

To summarize, the assemblage here presented, despite not being revolutionary within current interpretive frameworks, becomes interesting to discuss two main themes. It sheds some light upon an ancient occupation at Coimbra, spanning from the 3rd to 2nd millennium BC. It enriches the knowledge about the Iron Age material culture from Coimbra. Within that time-period it is also relevant to emphasize the identification of a pottery group that testifies, for the first time, this site's occupation during the transition between the 1st and 2nd Iron Ages (6th to 5th centuries BC).

NOTES

(1) The space where the MNMC stands today is remarkable for its extensive and continuous occupation over the past two millennia. In the beginning of the 1st century AD the Aeminium *fora* were built in this place and, in the middle of the same century, they were significantly extended. Latter, by the end of the 9th century, the process which would lead to its conformation as the Episcopal palace begins, and the building maintains that function until the advent of the Republic (ALARÇÃO [et al.], 2009).

(2) As part of the doctoral dissertation of one of the authors (RCS), entitled "The MNMC – an essay about urban archeology in Coimbra: from the Augustan forum to the Episcopal palace of Afonso de Castelo Branco".

(3) The excavation was initiated by Antonio Tavares (Geologist and, at that time, Museum Advisor) and subsequently retaken by Pedro Carvalho (1998).

(4) Except number 6 in Image 6, which seems to have been hand-made and shows lower technical characteristics; and number 2 in Image 7, which shows a coarser fabric and finish.

(5) Other examples, still being studied, should be added to these. They resulted from excavations carried out at the site during the '90s of the 20th century. We would like to thank Isabel Pereira for this information.

(6) Concave bases had already been identified in Coimbra (ALMEIDA [et al.], 2011: Image 9). They are equally recurrent amongst common ware and fine grey ware along the Tagus estuary (SOUSA, 2014).

(7) In the North the occurrence of sub-triangular stamp impressions (sometimes combined with other symbols) is recorded in Sendim, Briteiros and Caminha (SILVA, 1986: Est. LXXIII). Nevertheless the preferential incidence area is the Centre.

(8) The study of these subjects is part of the ongoing research project named "Roots. Pre-Roman Coimbra", coordinated by one of the authors (RV).

(9) The naval battle of Alalia (540 BC) took place in the coast of Corsica in the Sardinian Sea between the Phocaeans and a coalition of Etruscans and Phoenicians. The Phocaeans according to Herodotus (1.166.2) achieved a "Cadmeian victory," over the coalition forces.